

## oreste ristori: uma biografia | alexandre samis\*

Carlo Romani. *Oreste Ristori – uma aventura anarquista*. São Paulo, Annablume, 2002, 307 pp.

Quando, ainda no século XIX, Thomas Carlyle afirmou que “... a história universal, a história daquilo que o homem tem realizado neste mundo, é, no fundo, a história dos grandes homens” ele colaborava significativamente para reforçar um gênero que não cessaria de crescer século adentro. Após o sucesso de sua *História da Revolução Francesa*, gozando de notoriedade e reconhecimento de boa parte da crítica, Carlyle publicaria um conjunto de conferências, versando sobre os “grandes homens” da história, sob o título sugestivo e ao mesmo tempo esclarecedor de *Os Heróis*. O conjunto de sua obra, em particular os livros aqui aludidos, caracterizava-se por uma inspiração panegirista e apresentava clara inclinação à adaptação, sob desembaraçada prosa, de epopéias biográficas. Naquele tempo, as biografias eram elementos de primeira grandeza na instituição de uma História Política ancorada em datas, estadistas, conquistadores e batalhas.

Entretanto, o século que se inicia, e mesmo os anos que compuseram o ocaso do anterior, já em determinada medida, anuncia a reabilitação do gênero biográfico na História. Sob a égide da História Política Renovada ou da Nova História Social, as improváveis biografias de *São Luiz*, de Jacques Le Goff, e de *Guilherme Marechal*, de Georges Duby, entre outras, aparecem revigoradas

\* Mestre em História e integrante do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres.

em estilo, significado e contemporaneizadas por uma longa discussão para a qual foram chamados a colaborar o movimento dos Annales, a História das Mentalidades, a crítica propositiva ao marxismo e mesmo o pós-estruturalismo. Tais movimentos de idéias, nas suas marchas e contramarchas, possibilitaram uma enorme produção teórica da qual somos hoje beneficiários. Assim, como afirmava Georges Duby, ao falar sobre o que move o profissional da História: “Inelutavelmente, as agitações e as inquietudes do presente repercutem-se sobre o trabalho do historiador. Por muito indiferente que este seja, por muito decidido que esteja a fechar-se nas suas papeladas e na sua torre de marfim, o presente sacode-o, engole-o”.

O trabalho de Carlo Romani, trazido a lume pela editora paulista Annablume, em parceria com a Fapesp, pode ser apontado como um dos mais louváveis esforços no sentido de uma biografia renovada e comprometida com as mais recentes discussões no campo historiográfico. Ao investigar a vida e carreira militante do anarquista italiano Oreste Ristori, Romani não poupou esforços investigativos. O livro, pontuado por farta documentação recolhida cuidadosamente no Brasil e em diversos países do Velho Continente, é bem o trabalho que se espera do que há de melhor na história social.

Destarte, conduzido por uma prosa leve e bem dosada, o livro nos revela a vida conturbada de Ristori, nascido na Toscana de 1874, expressão viva da relação conjugal entre o camponês *bracciante* Egisto Ristori e Massima Gracci. Tendo tido uma infância de privações, como era comum aos de sua condição social, já aos 18 anos experimenta o primeiro de seus inúmeros encarceramentos. Ao que tudo indica, inteiramente identificado com as idéias anarquistas, nos anos após a de-

tenção trava contato com as idéias de Malatesta e Luigi Fabri e radicaliza ainda mais suas posições, fato que o levará ao degredo e a mais dissabores.

Os motivos que levaram à saída de Ristori da Itália estão ainda sob uma cobertura opaca; a partir de relatório policial, uma delicada questão à época, a da sexualidade, parece ter motivado em grande parte o seu afastamento de seu país e dos companheiros de ideais. Seja como for, ao chegar a Argentina em 1902, após breve passagem por Marselha, retorno involuntário para a Itália e fuga para Barcelona, inicia nova peregrinação que o levará ao Uruguai, país aparentemente mais tolerante com ativistas, e posteriormente ao Brasil.

Uma vez no Brasil, Ristori radica-se em São Paulo, inteirando-se das questões e polêmicas entre anarquistas e socialistas, e passa a colaborar com as publicações libertárias da capital paulista. Logo se torna um elemento da mais virulenta e profusa militância, contribuindo sobremaneira para o avanço do movimento anarquista na cidade. A notoriedade de Ristori, seu gênio incomum e temperamento singular, colocaram-no em contato com as principais figuras do anarquismo e, por assim dizer, essa parte da sua biografia confunde-se com a história do operariado mais organizado no período.

Entretanto, a militância do proceloso italiano no campo libertário iria, como a de muitos outros no período, sofrer significativa transformação após o fenômeno da Revolução Russa. Ao que tudo indica, já em 1922, como afirma Romani, escrevia a favor dos comunistas na revista *Movimento Comunista*, editada no Brasil. Todavia, a sua vinculação ao bolchevismo nos anos seguintes não parecia muito clara. Assim, agia mais como um antifascista do que um fiel cumpridor dos preceitos da

Terceira Internacional e, como muitos outros, com posições semelhantes, foi preso e deportado, no ano de 1936, pelo governo Vargas.

O retorno de Ristori, então homem maduro, à Europa não logrará sedentarizar o seu espírito aventureiro. Ao que tudo indica, teria ele ainda participado da Revolução Espanhola (1936-1939) e se exilado na França, onde padeceria de novas circunstâncias adversas. Seu retorno à Itália, o esforço em combater o fascismo em seu país e seu passado anarquista selaram definitivamente o seu destino. Fuzilado pelos que ocupavam pela ditadura o seu torrão natal, teria, segundo declarações, morrido cantando a Internacional.

A vida de Ristori, resgatada por Carlo Romani em seu livro, é muito mais que a biografia de uma singular figura do século recém-acabado. Ao reunir em frases, parágrafos e capítulos os caminhos de um anarquista movido pela “vontade” revolucionária, o autor conjugou a nobre arte de contar histórias com a homenagem a todos que, como seu biografado, se entregam por toda a vida, à custa da sua própria existência, à construção das utopias coletivas.